

Público

26-11-2015

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Economia

Dimensão: 746

Imagem: S/Cor

Página (s): 45

# Resiliência

## Debate Economia

**José Miguel Pinto dos Santos**

A ciência económica é a arte da escolha. Investiga como recursos limitados podem ser combinados para produzir bens e serviços, e como o produto pode ser distribuído. Recursos produtivos são principalmente capacidade de trabalho, mas são também conhecimento técnico e organização social, equipamentos, infra-estruturas e recursos naturais. O produto são bens de consumo como pão, cerveja e bifes, serviços como consultas médicas, filmes de terror e debates parlamentares, e investimento em capacidade produtiva futura. Distribuição é a repartição do produto ou rendimento entre, usando pontualmente a castiça terminologia marxista-leninista, produtores e parasitas. Tudo isto é sobejamente conhecido.

Menos lembrado é que a gestão económica é a arte do equilíbrio. É o balancear da eficiência com a resiliência. Eficiência é conseguir mais com menos. É a menina querida de economistas, políticos e gestores, e não há *working-paper*, discurso ou plano estratégico que não a mencione. Resiliência é a capacidade de sofrer pouco caso algo corra muito mal. É a gata-borrallheira dos gestores públicos e privados nacionais, nunca mencionada nos debates, sempre esquecida nas políticas.

Tanto a eficiência como a resiliência são desejáveis, mas uma tem custos em termos da outra. Quando se aumenta a eficiência de um sistema é usual que ele perca um pouco de resiliência, e quanto mais resiliência ele tiver menos eficiente será. Um exemplo deste *trade-off* é o sistema *just-in-time*: a eficiência de um processo produtivo aumenta à medida que os *stocks* de matérias-primas e produtos em curso tendem para zero. *Stocks* são recursos parados, e recursos parados são um desperdício, uma perda de eficiência. No

entanto, *stocks* são absorvedores de choques. Permitem que o sistema continue a operar na ocorrência de imprevistos, como um atraso na entrega de um componente. Um aparte: note-se que o *just-in-time* é tanto mais possível para as empresas tanto quanto mais a infra-estrutura pública e social for resiliente, isto é, quanto mais capacidade excedentária tiver para evitar que ocorram engarrafamentos rodoviários, laborais, legais, administrativos e outros. As empresas podem ser tão mais eficientes quanto mais gordo foi o investimento em bens públicos. O *just-in-time* será possível no Japão; é impossível em Angola.

Uma área em que este *trade-off* também se faz sentir são as finanças, as públicas e as privadas. Dinheiro em caixa não rende e é uma ineficiência: mas evita apertos. Empréstimos poupam capitais próprios e são eficientes (se o ROI for superior à taxa de juro que efectivamente se suporta): mas aumentam o risco e diminuem a resiliência. Reservas de ouro, direitos especiais de saque e obrigações do Governo americano podem ser aplicações pouco eficientes do dinheiro público: mas aumentam a capacidade de enfrentar crises e constituem uma pesada herança alegremente recebida por gerações futuras.

Mas para que serve a resiliência? Serve para enfrentar crises com um mínimo de desconforto e, em casos mais extremos, permite mesmo a sobrevivência. Que tipo de crises? Quase todas: crises nos nossos parceiros comerciais que fazem reduzir as nossas exportações ou tornam mais caras as importações; crises humanitárias como invasões pacíficas de refugiados e crises militares como invasões belicasas de exércitos inimigos; crises na saúde pública como pandemias desconhecidas e crises por desastres naturais como terremotos e tempestades; crises demográficas e crises no sistema financeiro e na segurança social. Estas crises podem ser enfrentadas de dois modos: ou aguentando-as com longanimidade, ou combatendo-as com dinheiro e com

aquilo que o dinheiro compra: alimentos, alojamentos, armamentos, medicamentos e as tecnologias e equipamentos que lhes dão corpo. Na falta de dinheiro, resta ao povo aguentar. Que o povo aguente, aguente, mas à custa de um sofrimento inútil porque evitável. Evitável como? Operacionalmente com folga, financeiramente com reservas. E como se cria folga? Com investimento. E como se constroem reservas? Com



**A gestão económica é a arte do equilíbrio. É o balancear da eficiência com a resiliência**



poupança. O *trade-off* entre eficiência e resiliência encontra-se presente em toda a actividade económica mas, em Portugal, parece passar despercebido às famílias, às empresas e ao Estado. Evidência? Observe-se a insolvabilidade crónica das famílias: falta de reservas. Contemple-se os gargalos perenes nos serviços públicos, da justiça à saúde: falta de folga. Aprecie-se a insolvência

regular do estado: despesismo em excesso. Pondere-se a inveterada descapitalização das empresas e as suas consequências: sobre endividamento e pré-falência.

Mas a resiliência não é importante apenas para sobreviver a crises. É um elemento fundamental para a confiança dos agentes económicos, confiança essencial para a expansão do consumo das famílias e investimento das empresas, motores sustentáveis do crescimento e da criação de emprego.

*Lean* é eficiência, mas folga dá resiliência. Haja equilíbrio entre as duas.

**Professor de Finanças, AESE**